

HOSPITAL DA LUZ TEM “PROJETO QUE DIGNIFICA MUITO A MEDICINA DENTÁRIA”

O JornalDentistry entrevistou a Dra. Gabriela Videira e o Professor Doutor Rui Maio. A importância da relação de simbiose entre medicina dentária e prática hospitalar foi assinalada por ambos

Quão frequente é o encaminhamento de doentes de áreas para a medicina dentária? Quando acontece, quais são normalmente estas áreas de proveniência?

Rui Maio (RM): Não acontece com a frequência que nós desejaríamos. A promoção da medicina dentária no hospital tem precisamente esse objetivo: envolvê-la na atividade hospitalar.

Para um número cada vez maior de situações é importante a colaboração da medicina dentária e enquadra-se muito na nossa estratégia de gestão clínica. Aplicamos aquilo a que chamamos “medicina baseada no valor”, que é sustentada na abordagem multidisciplinar das várias doenças. Temos uma estrutura matricial, em termos de organização, e as várias especialidades colaboram entre elas. Por um lado, temos a estabilidade que nos dão os serviços [isoladamente], mas por outro lado, dentro de cada serviço, temos a agilidade suficiente para ter elementos que integram os vários grupos multidisciplinares.

A medicina dentária era uma área onde sentíamos alguma carência e alguma falta de articulação, e a aposta que neste momento estamos a fazer é precisamente do seu envolvimento num número cada vez maior de áreas.

Na oncologia, por exemplo, a colaboração já existia, mas podemos reforçar. Outra especialidade onde a medicina dentária é fundamental é o da patologia do sono, da apneia, em colaboração com otorrinolaringologia e pneumologia; temos a ginecologia e obstetrícia, a endocrinologia, a medicina desportiva, onde vamos fazer uma forte aposta, até porque temos uma parceria com o Sport Lisboa e Benfica. Há claramente uma aposta no trabalho multidisciplinar e a medicina dentária pode colmatar uma série de necessidades que sentimos no dia-a-dia, dando uma mais-valia no tratamento dos doentes.

Tentamos dar aos nossos clientes uma resposta o mais global possível.

De que forma é que a medicina dentária contribui para o fluxo global de pacientes dos Hospitais da Luz?

RM: Tem tendência para crescer, e com este novo posicionamento dentro da estrutura hospitalar pretendemos aumentar a oferta e não deixar a medicina dentária isolada. Quando o doente vem ao hospital, o seu tratamento deve integrar [esta especialidade]. Deve haver doentes que vão de outras áreas para a medicina dentária, mas a medicina dentária também pode “alimentar” outras áreas, nomeadamente o rastreio da cavidade oral. Há um *win-win*, em termos de integração, ao termos uma medicina dentária verdadeiramente hospitalar.

Que planos existem para responder à tendência crescente do turismo de saúde?

RM: Responderia de uma forma mais global. Apostamos nesse segmento aproveitando o posicionamento e condições do país. Sempre que criarmos áreas de diferenciação e pudermos oferecer produtos específicos e diferenciados, o nosso posicionamento poderá ser vantajoso relativamente a outros grupos. Nós tentamos dar uma oferta diferenciadora aos clientes que procuram os nossos serviços.

Como encara o novo desafio à frente do serviço de medicina dentária do Hospital da Luz e unidades da região sul?

Gabriela Videira (GV): Há aqui um desafio novo, uma realidade nova que se está a desenvolver na Luz Saúde, uma aposta que não existia antes, na medicina dentária. O grupo está a crescer muito, está muito forte, tem muitos recursos, estamos a apostar em várias áreas e a medicina dentária está nesse rol. Estamos a fazer grandes investimentos na inovação da medicina dentária, com a compra de equipamentos de última geração, o nível de serviço da medicina dentária tem muito a ver com a tecnologia disponível. Temos 164 médicos dentistas na Luz Saúde, de norte a Sul e estamos a crescer e a reforçar as equipas.

O nosso posicionamento vai muito no sentido de reforçar as equipas com colegas que podem trazer áreas que até agora não tinham sido tão desenvolvidas no Hospital da Luz, e



Dra. Gabriela Videira, coordenadora do Serviço de Medicina Dentária dos hospitais e clínicas da rede Hospital da Luz da região de Lisboa e Sul.

ajudar a que os colegas que cá estão possam ter condições para desenvolver as melhores práticas que são feitas a nível nacional e internacional, é esse o objetivo.

O professor Rui Maio está muito apostado na medicina dentária e esta fase nova tem muito a ver com a necessidade de sermos mais dinâmicos nesta ponte. Houve aqui uma mudança no sentido de fazermos este salto e apostar nos projetos entre as várias especialidades, não perdendo a matriz da medicina dentária.

Eu já colaborava com a Luz Saúde desde 2010, sabia muito bem o que me esperava. Se nós queríamos ser os melhores, tínhamos de fazer aqui algumas alterações, e entenderam que eu estaria preparada para essas alterações criar protocolos que sejam transversais às várias unidades, ter responsáveis de áreas clínicas, ortodontia, endodontia, implantologia, reabilitação oral entre outras que vão ditar o modo de atuação para todas as unidades. A mim pareceu-me um desafio, desde o primeiro momento, pela possibilidade de trazer colegas novos para reforçar a equipa com mais especialistas e pós-graduados de renome numa equipa já forte.

No caso da odontopediatria, era uma área que necessitava de ser reforçada e é o que está a ser feito: a possibilidade de tratar bebés com marquesas próprias, que sentíamos necessidade de implementar para estar na linha da frente.

Por outro lado, este desafio e este ambiente permitem-nos desenvolver a medicina dentária desportiva, com a ligação ao SL Benfica; tratar os doentes em bloco ou com sedação consciente, que são recursos que existem no Hospital e nos permitem tratar os doentes com grande segurança e conforto, temos sempre anestésistas e enfermeiros presentes nas unidades. A Joint Commission International (JCI), organização que acredita a qualidade dos serviços

em saúde, obriga-nos a uma série de regras, no dia-a-dia, que aumenta a segurança dos doentes principalmente nos casos mais complexos.

Encontram-se numa posição privilegiada, por fazerem parte de uma unidade hospitalar destas dimensões?

GV: Esta nova fase é precisamente uma consolidação disso tudo. A entrada de novas tecnologias, que nos permitem dar aos doentes não só aquilo que já fazíamos, mas com tecnologias mais recentes, com maior comodidade, com maior rapidez de resposta, num contexto hospitalar. Somos um hospital acreditado pela JCI e temos uma série de práticas que são ditadas a nível internacional: desde a preparação dos gabinetes, aos procedimentos de esterilização, ao facto de só determinados colegas em cada unidade terem ‘privilégios’ para realizar determinados atos, e portanto isto cria-nos uma superespecialização que permite que os doentes possam beneficiar desta estrutura organizacional, desta forma de pensar, e destes recursos tecnológicos.

Quantas clínicas de medicina dentária da Luz Saúde existem neste momento no país?

GV: Vamos aumentar a nossa presença. São 14 unidades no norte, em Lisboa temos cinco, e vamos abrir a sexta em janeiro, no Hospital da Luz Torres de Lisboa.

Como se diferencia este modelo de negócio e de gestão privada, dentro de uma unidade hospitalar?

GV: Nós temos muito bem separada a parte clínica da parte de gestão. Fazemos pontes, e eu vou ajudar a fazer essas pontes, porque sendo uma estrutura privada temos de estar sempre em contacto com a gestão. Uma estrutura desta dimensão, com o volume de negócios que o Hospital da Luz tem, faz com que tenhamos à disposição os recursos todos com muita facilidade, tudo o que é inovação, tudo o que é tecnologia. Há uma articulação muito estreita entre os profissionais de saúde e a gestão, mas no bom sentido. Temos de colaborar uns com os outros, conhecer os recursos, e utilizá-los bem. O que nos dizem sempre é “o que é que vocês precisam para ser os melhores? Nós pomos à disposição”. O facto de estarmos num grupo com uma grande saúde financeira dá-nos este conforto: podemos pedir as coisas, podemos ter os recursos à disposição dos doentes e dos colegas para eles se sentirem realizados com a sua prática clínica.

Os Hospitais da Luz têm ou terão laboratórios de prótese dentária?

GV: Atualmente não temos, recorremos a laboratórios externos, até porque até agora as unidades funcionavam todas individualmente, e neste momento, com esta reestruturação, estamos a repensar essa situação para já ainda não posso avançar muito, mas a curto prazo podemos ter novidades.

Quais são os tratamentos mais procurados?

GV: Não será muito diferente da maioria dos consultórios, quando as pessoas vêm à procura só da medicina dentária. Agora, é muito diferente quando uma grávida vem à consulta de obstetria e há um alerta de uma alteração a nível do seu periodonto, e há um encaminhamento para a medicina dentária; a articulação que existe já entre a consulta de endocrinologia e a consulta de periodontologia aí é que fazemos a diferença. O facto de os doentes serem vistos de uma forma muito integrada, no mesmo espaço, em que todos podemos consultar as suas análises clínicas, e em que vamos acompanhando a evolução da sua hemoglobina glicada, da sua glicémia, e vamos coordenando todos estes aspetos com o tratamento periodontal ou com o controlo da glicémia com os próprios fármacos, isto é uma abordagem muito mais integrada. Em relação à medicina dentária do sono, temos a vantagem de podermos ter no gabinete ao lado o pneumologista do doente ou o técnico de cardiopneumologia, e toda esta abordagem no mesmo espaço facilita muito a vida aos doentes. E aí é que é a abordagem é diferente dos consultórios em que só há medicina dentária.

Em relação ao paciente, já reconheceu as vantagens desta prática multidisciplinar. E em relação aos profissionais de saúde, como se altera o fluxo de trabalho, é mais eficiente?

GV: Eu acredito que esta prática é melhor para o doente. Às vezes não é mais rápido, mas os doentes têm a segurança de que nós falamos todos uns com os outros, que temos a possibilidade de chegar ao gabinete ao lado ou, em reuniões, trocar impressões sobre os casos mais complexos, temos protocolos da circulação dos doentes entre as especialidades, e o doente está visto mais ‘como um todo’ e com outra segurança.



Dr. Rui Maio, diretor clínico do Hospital da Luz Lisboa.

Quais são as tendências e tratamentos emergentes neste momento? Já conversámos sobre a medicina dentária desportiva?

GV: Queremos reforçar essa área porque há poucos colegas com essa formação e nós temos a possibilidade de o fazer com uma equipa de primeira linha, como é o Benfica. Esses tratamentos são alguns dos tratamentos emergentes. Os outros tratamentos têm sido a aposta forte que o hospital estabeleceu na área do sono. Na Grande Lisboa temos cerca de 14 quartos, no conjunto somos o maior grupo, com o maior número de quartos para fazer, em internamento, exames do sono, não há ninguém que tenha tantos quartos na zona de Lisboa e isto permite-nos criar protocolos, fazer trabalhos de investigação, estudos, criar rotinas, que poucos centros terão oportunidade. Tratamentos emergentes? São sobretudo pontes que se estabelecem, como por exemplo os doentes da cirurgia cardiotorácica passarem a ser vistos previamente na medicina dentária, os doentes da consulta de vertigem serem avaliados para a disfunção de ATM. São estas solicitações destas pontes, em que todos aprendemos muito uns com os outros, e em que a medicina dentária também ensina médicos, que normalmente vêm de hospitais públicos onde não há medicina dentária, aspetos que podem ser os nossos contributos, e outros médicos depois passam a contar connosco e a depender de nós. Naturalmente, a experiência que existe é a articulação com a cirurgia maxilofacial, que é uma articulação muito natural, mas nós aqui temos o privilégio de ter estas articulações com a pediatria, com a oncologia, com a ginecologia e obstetria, endocrinologia, pneumologia, ORL entre outras.

E os pacientes aceitam esta abordagem de forma natural?

GV: Aceitam. Os pacientes sentem-se muito acompanhados, percebem que nós falamos uns com os outros e que não andam para trás e para a frente como muitas vezes acontece noutras estruturas mais pequenas, onde tem que ser assim, não há outra maneira.

Que novidades se podem esperar, em termos de formação?

GV: Temos uma estrutura *learning health*, na nossa academia de formação da Luz Saúde, e esta estrutura até agora não tinha tido nenhuma formação na área da medicina dentária. Vamos abrir um centro de simulação com a expansão do hospital, em outubro, e vai ter o dobro da área que temos aqui. Vamos ter simuladores para formação na área de medicina dentária, mas ainda não está tudo fechado. É uma coisa única, existir uma estrutura e uma aposta tão grande na medicina dentária.

É um projeto que dignifica muito a medicina dentária, e é isso que me deixa muito orgulhosa: tratarm-nos como pares e envolverem-nos nestes processos todos. Não estamos compartimentados em serviços, estamos a tratar doentes que têm doenças orais e sistémicas e que têm de ser vistos transversalmente. ■